



LAMPIÃO SAI DO ARMÁRIO: AS REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE NO FIM DA DÉCADA DE 1970

César Felipe Rodrigues

RESUMO

No presente artigo busco investigar as representações das imagens da masculinidade no final da década de 1970. É proposto uma análise dos discursos encontrados no jornal *Lampião da Esquina*, que teve sua primeira publicação em 1978 e durou até 1981. Esse jornal, voltado ao público gay, circulou por três anos no Brasil, em um período de ditadura. Procuo examinar as imagens e representações encontradas nos discursos de *Lampião da Esquina* sobre a masculinidade, através de uma abordagem de gênero, buscando o sentido que o periódico dava ao masculino, suas críticas à imagem masculina homogênea da época e as alternativas de masculinidade propostas pelo jornal.

Palavras-chave: Masculinidade. *Lampião da Esquina*. Gênero.

INTRODUÇÃO

Escolhi analisar a masculinidade no final da década de 70 movido pelo interesse em uma revista que surgiu no ano 1978 e teve apenas três anos de publicação. Esse Jornal, *Lampião da Esquina*, era destinado ao público Gay e para outras minorias, como ele mesmo afirma em sua primeira edição.

“Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os quetos e o sistema (disfarçado) de párias” (LAMPPIÃO, 1978, p. 2).

O tema sobre a masculinidade desperta interesse por diversos motivos, um deles é a ideia da existência de uma masculinidade ideal, o ideal de homem, a hegemonia masculina. Sempre ouvimos as pessoas dizerem que uma determinada atitude não condizia com a atitude de homem ou que um homem não agiria de tal forma, como as ditas frases populares da qual “homem que é homem não chora” ou “homem de verdade não abaixa a cabeça” e isso me fez procurar e questionar, então, qual seria essa forma correta de se portar como um homem, se existe apenas uma forma de experimentar a vida como homem.

Para melhor analisar essas questões e entender de forma mais clara a questão da construção da masculinidade, vou buscar no gênero como forma analítica, especificamente na concepção de Scott sobre gênero.

Outro motivo que me leva a esse tema é que hoje em dia, com o grande avanço dos gays nas mídias e em espaços públicos, com a participação mais efetiva das mulheres em todos os espaços, mais especificamente a partir da década de 1970 (MONTEIRO, 2000, p. 50), novos comportamentos masculinos como o metrossexual e uma diversificação maior para o mundo masculino irão ocorrer. Assim, busco no jornal – que é um marco na história do Brasil por ser um dos primeiros jornais gay a circular pelo país, sendo o primeiro a atingir diversos Estados, entender esse momento histórico que em muito contribuiu para essas novas análises e interpretações do masculino.

Segundo Monteiro (2000), o homem se vê muitas vezes não entendendo seu papel na sociedade e como deve agir, já que a ideia de masculinidade única fora tirada dos seus pés e fez com que ele buscasse outras formas de entender o significado de masculino, gerando, assim uma crise da masculinidade que procuro estudar, aqui, através das representações do masculino vinculadas no discurso do jornal. Para o autor, “esses novos sujeitos na economia dos signos da sociedade daquele momento histórico levou a rupturas interessantes que sugerem uma análise na qual o masculino perde seu estatuto de sujeito universal do discurso” (MONTEIRO, 2000, p. 50).

Por outro lado, essas modificações citadas acima não impedem o crescimento de diversos pensamentos arraigados em nossa cultura como a homofobia, machismo, que parecem estar ligados intrinsecamente com nossa sociedade atual. Além de tais mudanças significarem uma ameaça para a hegemonia masculina, certos setores da sociedade veem nessas mudanças uma ameaça ao *status quo* da família tradicional, o que realça a necessidade de discutir o tema da masculinidade, de trazer o debate de gênero à tona.

Justamente esses motivos, das mudanças e permanências da ideia de masculino, me fazem querer analisar o fim década de 1970, em que a masculinidade sofre diversos golpes dos movimentos feministas e dos movimentos gays (MONTEIRO, 2000, p. 50).

Escolhi o periódico O Lampião da Esquina pelo momento em que surge (1978) e também porque é o primeiro periódico com grande alcance sendo vendido em todas as bancas

do país, com conteúdos voltados ao público gay e produzidos por homossexuais (TREVISAN, 2002, p. 338).

Diversas outras questões podem ser investigadas através de Lampião, a forma como se constituiu o movimento gay, a questão das cisões que irão ocorrer no movimento, os movimentos negros, os movimentos feministas, dos ecologistas, dos índios, uma variedade que não explorarei aqui. Não usei todas as colunas do jornal; colunas como tendência e literatura não foram analisadas. Atentei-me às reportagens, entrevistas, matérias de opinião, cartas e aos discursos realizados sobre o masculino.

Busco, através de uma análise do discurso do jornal, entender como ele concebia a ideia de masculinidade. Questiono aqui, também, a escolha do nome Lampião para representar a revista, visto que a imagem de Lampião está muito ligada à imagem de um homem másculo, viril, que fugia um pouco (ou não) da imagem daqueles que produziam e compravam o periódico. Então, a primeira pergunta é porque uma revista voltada para o público gay usaria o nome de Lampião, uma figura que simbolizava o ápice da masculinidade?

Outra questão é se havia alguma divergência entre o discurso produzido pela revista sobre masculinidade com outros setores da sociedade do período, como partidos de esquerda, direita. Além de procurar analisar se o discurso produzido pela revista era um ataque ao ideal de masculinidade que rompia com as características dessa imagem ou se mesmo sendo um jornal produzido com o intuito libertário, como ressalta os próprios editores da revista, ele mantinha ou reforçava alguma característica dessa masculinidade que era questionada.

Sem a pretensão de simplificar ou dar como encerrada a discussão sobre o assunto, antes procuro levantar mais questionamentos sobre o tema mostrando sua complexidade e como ainda hoje ele é relevante e importante para nossa compreensão da diversidade do homem, da formação da cultura humana e de seus desdobramentos no cotidiano da vida social.

NOVAS ABORDAGENS, NOVOS DOCUMENTOS

Parto para uma análise dos discursos contidos em Lampião da Esquina, segundo as novas correntes historiográficas surgidas na década de 30 – reafirmadas de forma mais

categórica nos anos de 1970 – que oferecem possibilidades de novas abordagens para a escrita da História. Abordagens essas que focaram apenas nos documentos oficiais, segundo a perspectiva positivista, na qual o documento deveria conter a verdade absoluta e nesse sentido os periódicos eram muito subjetivos e não poderiam ser utilizados como documentos (DE LUCA, 2005, p. 113).

Com as mudanças ocorridas pelas novas perspectivas teóricas, há uma ampliação do conceito de documentos e os periódicos passam, então, a serem utilizados como fonte histórica. A autora Tania Regina de Luca deixa isso claro quando cita Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado sobre isso.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero 'veículo de informações', transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (DE LUCA, 2005, p. 118).

Sendo assim, uso como fonte histórica o jornal *Lampião da esquina* para analisar as construções criadas no jornal da masculinidade. Sendo esses discursos, um resultado da concepção do masculino dos autores do jornal e a influencia que essas visões acarretam na sociedade dessa época. Também através das sessões de cartas podemos analisar a aceitação ou crítica dos leitores das imagens produzidas no discurso do jornal como é o caso da palavra *bicha* que discutirei mais para frente.

Segundo Cardoso (1986), os textos não são tratados apenas em seus conteúdos ou enunciados, mas também mediante métodos linguísticos de análise do discurso, da enunciação, com apoio em alguma teoria das classes e das ideologias sociais. Em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pôde ocorrer.

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chagar até o público (DE LUCA; MARTINS, 2006, p. 11).

Esses interesses associados à edição, escrita, forma de passar alguma notícia, organização das colunas, imagens, a arte do jornal, denunciam intenções que nos dão pistas de como o jornal lidava com a questão da imagem da masculinidade. Uso os discursos do jornal para examinar as construções do masculino apoiado na ideia de Cardoso, que diz que “as metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 337).

Ao procurar discutir e entender as representações do masculino parto para uma discussão de gênero, que estão cada vez mais em pauta. O surgimento do jornal *Lampião* se encaixa nessas questões, porque surge em um momento em que movimentos feministas – que segundo Joan Scott, a teoria de gênero vai começar a ser analisada pelos historiadores(ras) feministas – ganha novo folego. E possibilita questionar as diversas desigualdades nas relações entre homens e mulheres. Esses questionamentos abrem espaços para outros grupos, como os homossexuais, que nesse período lutavam para serem reconhecidos como sujeitos sociais e políticos, tendo o jornal como uma manifestação da consolidação e desenvolvimento desse movimento (SCOTT, 1994).

Outro motivo é o próprio discurso e a forma como o jornal é construído, sempre tratando das questões relacionadas ao sexo, à liberdade sexual, ao prazer a busca pelo corpo. Denunciando as repressões da sociedade patriarcal, enfim, diversas questões relacionadas ao gênero, às construções e das representações do masculino e feminino e as relações de poder inerentes a essa relação.

Penso que são necessárias mudanças reais no papel das mulheres (e consequentemente nas perspectivas de vida e no comportamento tanto de homens como de mulheres), além de um conhecimento muito maior da sexualidade, livre dos preconceitos da tradição e da religião (SCOTT, 1994).

Para a autora, gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Além disso, para ela o gênero é “uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”, logo gênero não está limitado a entender apenas a

história das mulheres, mas sim a relação entre homens e mulheres e toda complexidade envolvida nessa relação, interesses, domínio, política, poder (SCOTT, 1994).

Segundo a análise de Scott (1994) reflito sobre os discursos criados sobre o masculino, que segundo a autora estão sempre suscetíveis a mudanças – seja por questões do estado, seja pela ascensão econômica de determinados grupos, homossexuais, mulheres, por crises políticas, mudanças de regime, contestação popular e movimentos sócias -, já que para ela:

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendentais; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1994).

O gênero não apenas revela as condições de poder existentes nas relações entre homem e mulheres, mas acaba indo além. Serve também para uma análise mais profunda e complexa das relações de poder, na representação da identidade do masculino e feminino, nas construções hierárquicas, nas desigualdades étnicas, sócias. Denuncia as formas de conceber o mundo de um determinado período através da análise da moral, das leis, da religião, que são transpassadas pelo gênero. A forma de viver, de se apresentar, como o homem se entende e como ele busca demonstrar o que acredita ser a forma certa de comportamento para ele, os símbolos que cria para reforçar as diferenças entre ele e ela, os hábitos, normas de comportamento, vestimentas para elaboração dessa identidade, acabam revelando características históricas de um período de toda composição social (SCOTT, 1994).

Não se limita apenas ao privado, ou às mulheres, mas acaba entrando em todos os espaços. Para Scott, o gênero é uma forma de analisar a história, e possibilita toda uma reflexão e mudança de paradigmas, contribuindo para enriquecer e possibilitar uma visão menos simplista ou determinista da história. É através do trabalho teórico de Scott sobre gênero que analiso os discursos do jornal, tentando entender como ele ajuda a desconstruir uma imagem única de masculinidade e o que isso mostra do período (SCOTT, 1994).

O jornal *Lampião da esquina* surge em abril de 1978, formado por um grupo de homossexuais, entre eles Aguinaldo Silva e João Trevisan, Darci Pentead, Peter Frey, influenciados pelos movimentos políticos feministas e gays que despertaram no início da

década de 1970, no Brasil e no mundo. No entanto, esses movimentos já vinham se consolidando.

O início do século XX também se apresentou contrário às visões negativas relacionadas à homossexualidade, fruto de discursos médicos, religiosos, culturais, surgindo, assim, por volta de 1920, nos Estados Unidos, as organizações homófilas, fato considerado como o segundo momento das manifestações de um movimento que viria a se formar e se consolidar. O grande marco de visibilidade desse movimento foi a resistência à repressão sofrida frequentemente por homossexuais em um bar nos Estados Unidos, que ficou conhecido, em 1969, como a *Batalha de Stonewall Inn*, ocorrida no bairro Greenwich Village, em Nova York (MARIUSSO, 2013, p. 324).

O caso de Stonewall torna-se um marco no movimento gay internacional, e é desencadeado devido à tentativa de policiais em fecharem o estabelecimento alegando irregularidades e tumultos. Os policiais já haviam invadido o bar por diversas vezes, sempre usando de violência com os homossexuais, no entanto, dessa vez foi diferente, visto que os homossexuais ali resistiram às agressões dos policiais e não se retiraram do bar, dizendo palavras de ordem “poder gay” e “sou gay e me orgulho disso”. Aqueles homossexuais desencadearam um movimento que chamou a atenção da mídia e incentivou a diversos movimentos gays nos EUA e Europa, assim como no Brasil (MARIUSSO, 2013, p. 323).

Aqui no Brasil o movimento gay vem se fortalecendo gradualmente, mesmo com toda a repressão e censura por parte do governo. Antes de *Lampião*, outros periódicos chegaram a circular no país embora sem o mesmo alcance. Além de dos jornais, movimentos como o Grupo Somos de São Paulo, encabeçado por um dos editores de *Lampião* surgem no Brasil no final da década de 1970 (MARIUSSO, 2013, p. 325). Segundo Mariusso (2013, p. 324) a revista surge:

da tentativa de criar uma antologia de literatura homossexual latino-americana pensada por Winston Layland, editor e dono da revista *Gay Sunshine* de San Francisco - Califórnia. Layland entrou em contato com o advogado e ativista Antônio Carlos Mascarenhas (um dos fundadores do *Grupo Homossexual Triângulo Rosa*) e o único a assinar sua revista na América Latina inteira, pedindo para que ele reunisse um número de escritores que pudesse criar essa antologia. Após uma reunião com esses escritores, jornalistas e intelectuais, a antologia não saiu, porém nasceu o *Lampião da Esquina*.

O surgimento do jornal aponta para uma nova forma de encarar a masculinidade. Colocando-a em cheque junto com o movimento feminista, levantando questionamentos e

deslocando a masculinidade como único sujeito histórico para objeto passivo de questionamentos (MONTEIRO, 2000, p. 50).

Minhas pesquisas sobre o jornal apontam para diversas questões das representações da masculinidade que são estudadas. No discurso jornalístico podemos analisar uma crítica às duas formas de masculinidade vigentes no período. Primeiro aquela imagem produzida por setores contrários ao regime ditatorial, nesse caso os partidos de esquerda organizados, dos trabalhadores, militantes, estudantes. Segundo da imagem homogeneizada pelo regime militar, que prega e defende a suposta única forma de viver a masculinidade, que é propagada por ele e protegida pela formação do núcleo familiar, sendo homem e mulher a forma legítima de constituir família tendo qual um papel definido para representar.

Regime esse que mesmo vivendo um processo de reabertura política, ainda sim, relutava em deixar o poder, buscando manter-se o mais tempo possível e revelando seu caráter repressivo, autoritário e violento. Através de aparatos nascidos dentro do regime, criavam-se leis e mantinham a repressão àqueles que ameaçassem a ordem e os bons costumes. Com o uso do aparato policial, que é denunciado em diversas edições da revista, e fica claro com um pedido de um leitor.

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e trate; de escrever correndo, pare ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado "Buraco da Maísa", no Castelo, no Rio. E que eles não impedem as pessoas de entrar no "Buraco", até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso? Jerrifer, Rio de Janeiro. (LAMPÍÃO, 1978, p. 14).

Outro grupo muito criticado pelo jornal é o da esquerda. Que mesmo tendo uma postura mais inclusiva, ainda mantinha a imagem do homem como algo fixo, natural. Representando a figura do masculino com aquele trabalhador, guerreiro, militantes, de barba, cabelo e bigode, que protegia a mulher, e visa à luta maior, a luta de classes, para dismantelar a ordem burguesa. Uma postura engessada, que não consegue aceitar ou enxergar outra representação do masculino que fuja dos seus padrões. O trecho de uma entrevista com um ex-guerrilheiro de esquerda Fábio Gabeira, mostra essas características da imagem do homem revolucionário.

Aguinaldo - É, mas ia, na América latina a coisa é mais difícil. Afinal, aqui o símbolo da revolução sempre foi o homem, com sua boina, sua barba e sua potente arma na mão. Gabeira — Sim, mas isso é uma coisa que, com o fracasso da experiência da guerrilha aqui no continente americano, com o período da contra-revolução, que começou na queda de Allende, passou a ser contestada. Quer dizer, foi colocada em xeque a idéia do símbolo portador dessa revolução, que é o macho. Na medida em que a própria idéia da revolução vai-se tornando mais elástica, vai-se tornando mais flexível, o símbolo da revolução também vai se transformando. Hoje, já é possível entre os revolucionários compreender que um homossexual é um revolucionário, coisa impossível de compreender no princípio da década (LAMPPIÃO, 1979, n. 18, p. 6).

Uma mudança interessante que ajuda a criticar essas imagens é justamente fruto da repressão do regime militar, que quando exila seus inimigos políticos os coloca em contato com diversos movimentos sócios, dos negros, feministas, homossexuais, ecológicos, e que contribui para a reformulação da própria esquerda.

Nessa entrevista, realizada pelos editores do Lampião, com um dos militantes exilados, Fábio Gabeira, comenta essas mudanças. Esse contato ajuda a essa esquerda a reformular não apenas a forma de militar, mas também como a forma de ver o mundo, deixando a visão determinista do rumo da história pelo viés econômico e das lutas de classe. Esses exilados que retornam ao Brasil trazem outras reivindicações importantes como os direitos das mulheres e gays, a luta revolucionária pelo direito ao corpo. Segue outro trecho da entrevista com Gabeira.

O contato com movimentos lgbs e feminista muda as estruturas do masculinidade da esquerda como o da direita, flexibiliza essa masculinidade tornando-a mais branda, menos agressiva, e questiona a forma construída do macho, cabron, viril, forte, agressivo. Falência dos regimes totalitários de esquerda da ditadura de direita, leva ao questionamentos mais amplos da sociedade, por buscas individuais e de grupos além das questões econômicas. nossa esquerda anterior ao movimento armado era formada no stalinismo; quer dizer, era uma máquina de fazer política, porque o stalinismo era realmente a máquina de fazer revolução; isso dava margem a uma concepção de luta armada, e a concepção de luta armada implicava, também, numa rigidez muito grande (LAMPPIÃO, 1979, n. 18, p. 6).

Em outro trecho da entrevista, ele cita sua mudança não apenas na forma de pensar, mas de entender e perceber seu próprio corpo.

Eu comecei a me sentir enquanto corpo, e aí é que entra o outro nível de questionamento, bem mais profundo: é que a dominação que a gente exercia aqui sobre as mulheres alienava não só o corpo delas como também o nosso. E descobri que partes inteiras do meu corpo estavam paralisadas; eu tentava mexer a cintura e

não conseguia, porque minha cultura me dizia que mexer cintura não é coisa de homem (LAMPÍÃO, 1979, n. 18, p. 6).

Esse período que também é marcado pela guerra fria, faz com que o jornal questione muito os países socialistas, que não conseguem sustentar a imagem/modelo de um país justo e mais igual. Assim como os países capitalistas, não consegue resolver as desigualdades econômicas, os preconceitos, o machismo. Pelo contrario, muitas matérias realizadas pelo jornal, sobre esses países socialistas, apontam essa repressão ao homossexual, evidenciando que nesses países, a repressão é igual ou pior que os países capitalistas. Em uma citação onde um dos autores tece criticas ao regime socialista isso fica mais destacado.

contra que poder que criou essa (ORDEM. Opor-se a uma política manobrista, baseada em hegemonias, inclusive da classe proletária. Recado: a classe operária é sim um dos agentes de transformação social - no caso, ela impulsiona a transformação econômica. Mas como não aceitamos o pressuposto de que a transformação econômica seja a única, não queremos a hegemonia de uma suposta classe revolucionária. Porque inclusive trata-se aí de um conceito vago que os intelectuais, tecnocratas e cientistas políticos criaram para, dizendo-se representantes da sacralizada classe operária, legitimarem o seu poder. Não foi o que aconteceu na Revolução Soviética? (LAMPÍÃO, 1980, n. 25, p. 9).

Essas criticas, tanto a União Soviética como a Cuba, não agradam a setores da esquerda mais tradicionais, e o jornal será acusado por alguns leitores de criticar apenas a esquerda, porem em uma matéria de Darci Penteado, Lampião declara que mesmo não concordando com essa esquerda, não via outro seguimento politico que pudesse comportar esse novos movimentos indenitários.

Não quero parecer fútil nem gratuitamente surrealista. Também não sou derrotista e muito menos entreguista. É evidente que a nossa situação, que é e deverá ser sempre política, só poderá resultar num movimento de esquerda, levada pela própria condição de marginalidade que a nossa preferência sexual se afigura perante qualquer poder constituído, seja ele de que facção for. Mas se é para determinar colocações, direi que estaremos sempre à esquerda da esquerda. (LAMPÍÃO, 1980, n. 31, p. 14).

As criticas de Lampião são dirigidas ao governo militar, ao liberalismo, à direita, mas também à esquerda. Segue um trecho de uma reportagem sobre Cuba.

Em certa setores vagamente progressistas, é muito comum considerar que toda critica aos regimes denominados socialistas serviria apenas para favorecer a reação e

o obscurantismo. Segundo esse raciocínio, é preferível calar. Foi assim que, durante uma geração inteira, criou-se o maior silêncio em torno dos crimes cometidos por Stalin. Mas é interessante notar que esse mesmo manto de silêncio se torna ainda mais espesso quando a repressão desaba sobre grupos sociais tradicionalmente condenados ao escárnio. Assim, não existe justificativa ideológica possível para evitar as denúncias a respeito da perseguição que os homossexuais sofrem em Cuba, onde o próprio Fidel Castro deflagrou uma campanha antígai por volta de 1966 (LAMPÍÃO, 1981, n. 33, p. 10).

Essas críticas as imagens do masculino denunciam uma tentativa de homogeneização da imagem do homem por determinados setores sociais, sendo o governo e oposição, que mesmo tendo visões políticas contrárias, mantem a imagem do masculino como algo natural. Aquele que não se enquadra nesse padrão único, está à margem da sociedade, ou precisa ser corrigido, pois representa um perigo a ordem estabelecida. Como seu modo de vida contesta a hegemonia, isso coloca em xeque os preceitos estabelecidos para controle da ordem e do poder. Outro trecho reforça a crítica tanto à direita quanto à esquerda.

Para a chamada Esquerda, de matriz prestesna, todos nós somos nojentos, fascistas; para a Direita (pedemista e etc.), um bando de comunistas canibais a serviço de Moiam,” Eu acho que a vadiagem tem duas saídas dignas: ai fica de fora da jogada partidária, ou entra num partido e faz a luta por dentro (sem dar bandeira, pra não ser expulso); não pode é entrar num partido conservador, como todos esses que tãõ aí, e topar as regras do jogo, as ordens dos caudilho.. Não entrar, ou entrar e combater lá dentro. Não podemos é ficar na janela, como a Carolina do Chico (e a Geni - II?), veado o tempo correr e a banda passar. E o partido do macho Lula, pasmem (?). Porém, mesmo ali, a bicharada é sutilmente encaminhada para uma atuação de tipo artístico cultural, isto é “reforçar” um gueto. Mas, do mal o menor, sempre há ali lugar Para os veados, desde que sejam cultos e artistas: que raio de geração, gente (LAMPÍÃO, 1980, n. 23, p. 2).

Esses setores, da esquerda e direita, eram também apoiados pela igreja, por leis, médicos, que corroboravam com a representação masculina vigente. Um trecho de uma reportagem sobre as batidas policiais em cinemas após certo horário demonstra a forma como o sistema permite que tratem aqueles que se desviam da boa conduta e da moral social, e inúmeras matérias são focadas na violência e repressão policial aos homossexuais. Criou-se até uma coluna com o nome “violência” para descrever as diversas agressões sofridas pelos homossexuais, que sem o respaldo de leis e de apoio político ficam a mercê de extorsões, abusos e maus tratos.

Duas horas depois, 23h20m. O carro para no sinal da Rua Uruguaiana, seu motorista olha cautelosamente, e depois avança no rumo da Rua da Uruguaiana. A maioria dos frequentadores do Cinema Iris sentiria sua aproximação e o reconheceria apenas pelo ronco do motor: é um carro da polícia, da 3ª DP. Ele para porta do cinema, e dele descem três homens. Atravessam a rua entram num bar que mantem uma portia aberta, diante do cinema, tomam um cafezinho. Depois retornam, e se deslocam estrategicamente à porta. Vai começar o que os policiais chamam de "Sessão Coruja": -um jeito certo, tranquilo de abarrotar os xadrezes com os "criminosas" mais procurados pelos agentes da lei: os desocupados, muitos deles frequentadores das longas sessões do Cinema Iris (LAMPPIÃO, 1978, n. 1, p. 8).

Em outro trecho deixa claro que entre esses “desocupados” se enquadram tanto prostitutas como homossexuais, que muitas vezes usam o cinema nesse horário para encontro e flertes ou no caso das prostitutas para descansar. Nesse trecho podemos notar também a surpresa de um dos policias quando descobre que um dos abordados, – e os motivos para a abordagem são seus trejeitos que denunciam sua homossexualidade, – é advogado e gay.

Uma rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira - trata-se de um homossexual -, informa que é advogado. Exibe a carterinha da Ordem, que os policiais examinam mais longamente. "Como é possível, um advogado", diz um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz (LAMPPIÃO, 1978, n. 1, p. 8).

A repressão do Estado pela polícia foi capa na edição de outubro de 1979 e a manchete deixa clara a perseguição policial e a aversão ou medo que eles representam para o homossexual: “Corre, que lá vem os home”, foi o título de capa dessa edição.

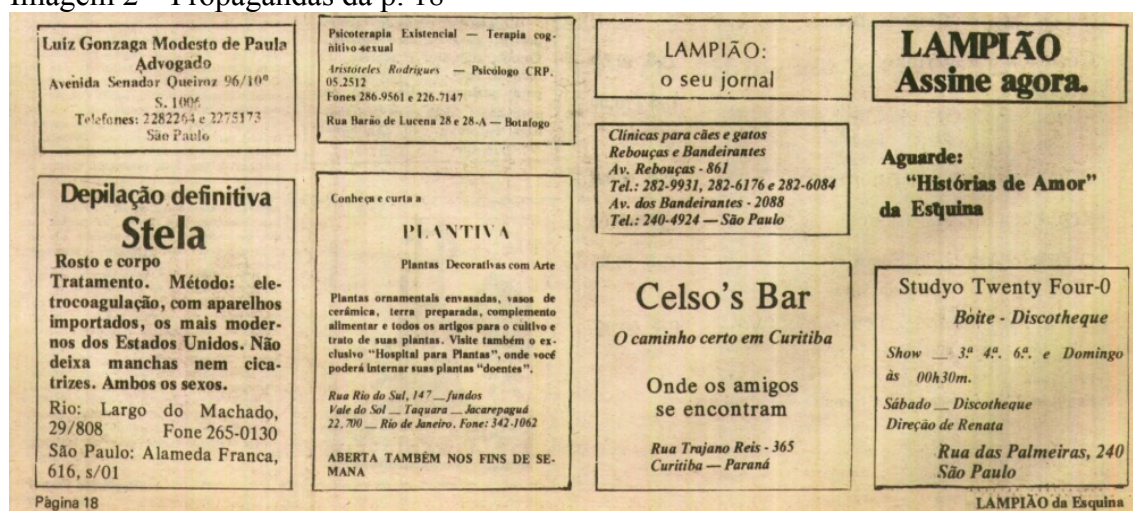
Imagem 1 – Capa da edição nº 17



Fonte: Lampião (1979, n. 17).

O jornal além de criticar essas duas representações também dá outros indícios da forma como era concebida a imagem do masculino. Uma dessas formas é a propaganda que circula no jornal que, em sua maioria, resumem-se a clubes, saunas, tratamentos estéticos, advogados, psicólogos, decoração, arquitetura, livros, galerias. Essas propagandas demonstram como a sociedade enxerga o homossexual, partindo do pressuposto de que homossexual e mulheres têm os mesmos gostos, interesses. Quando acha que esse público irá consumir produtos e serviços relacionados à estética, decoração, saúde ou educação, áreas relacionadas ao feminino, à feminilidade, opondo-se ao masculino. Assim, os anunciantes são um recorte da forma como a sociedade enxerga o homossexual e o que ela demonstra é que o homossexual tem os mesmos gostos femininos, partindo da ideia criada de que a mulher tem interesses naturais por determinadas áreas e os homens também.

Imagem 2 – Propagandas da p. 18



Fonte: Lampião (1979, n. 1., p. 18).

Essa questão, de atribuir ao homossexual características que são supostamente femininas, gera um intenso debate dentro do jornal. Os editores tratam muito sobre a questão de qual forma ou qual imagem o homossexual deve adotar, debatem se essa “postura feminina” não acaba revigorando a ideia machista que coloca a mulher em uma caixinha e diz que ela deve se comportar assim, ou ainda, que reforça a ideia de mulher objeto ou fútil, tanto usada pelo machismo. Outra questão é se os homossexuais não deveriam adotar uma postura mais contida, séria, reservada, com características do ideal de masculino criado pela sociedade.

Nesse trecho, de uma entrevista publicada no *Lampião*, apresenta outra discussão muito debatida no jornal, tanto pelos autores como pelas cartas.

Lennie – Eu acho que hoje em dia não tem essa coisa de bicha. O que é bicha hoje em dia? Chrysóstomo - É como as pessoas dizem, uai ! Uma palavra como outra qualquer, de que a gente não pode ter medo; bicha) João Antônio - Segundo o consenso geral, existe bicha. Lennie - Mas isso é um diálogo tão antigo! Essa separação de bichas com homens. Existem coisas mais novas, mais atuais. Bem, se eu sou considerado bicha, vocês estão fazendo a entrevista com a pessoa errada. Chrysóstomo - Mas acontece o seguinte; os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas. Acho uma palavra ótima, muito engraçada. Qual seria, por exemplo, o coletivo de bicha? Uma grossa de bichas? Manada? Vara? Rebanho? Lennie - Mas essa palavra é tão completamente antiga! Chrysóstomo - Táí, não é não Nem ainda foi explorada em todas as suas implicações gramaticais o semânticas... Risos, tumulto. Discute-se o significado da palavra bicha) Lennie - Por exemplo; o Mário Comes é bicha? Não, claro que não é Mas ele deve fazer muito gostoso, não é? Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá? Chrysóstomo - Claro que não. Mas as pessoas falam. E o consenso do falatório do país. Lennie - É mais complicado. Tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro (*LAMPIÃO*, 1978, n. 2, p. 6).

Essa discussão denuncia diversas posições dentro do movimento homossexual, além de dar vestígios da construção do masculino. Primeira à questão social, de como os próprios homossexuais fazem distinção de classe através do comportamento, as “bichas loucas” como sendo de periferia e os mais reservados com um nível econômico melhor. Outra questão é da própria construção da identidade, denuncia aqui que a imagem homogênea que se tenta impor, seja masculina, seja feminina, são construções, e que podem ser desconstruídas, sem que exista a necessidade de se prender a esses padrões, tendo-os como única forma de experimentar a vida. Uma reportagem com estudantes sobre os homossexuais mostra um pouco dessa discussão sobre o termo bicha.

A coordenadora percebeu as falhas e, para tentar sanar esta última, perguntou o que eles achavam do homossexualismo. "Tudo legal, cada um tem o direito de estar com quem gosta", foi o consenso também óbvio. Porém, um rapaz acrescentou: "Mas também a gente não precisa aceitar bicha-louca, né?", deixando explícito nesta frase, que os níveis de preconceito podem ser sutis, variáveis, mesmo entre pessoas que se acreditam avançadas (*LAMPIÃO*, 1980, n. 31, p. 14).

Sobre isso, no discurso do jornal, o que se tenta construir na verdade é que as “bichas loucas” não são essa reprodução do machismo. A futilidade, a frescura, atribuídas a mulher, e logo sobre os homossexuais. Essa visão caricata, não são uma forma passiva das “bichas”

aderirem a essa objetivação da mulher, mas pelo contrario, são um símbolo, um ato de resistência, de luta. Resistência porque ferem e agredem a sociedade revelando que um homem não esta preso a apenas uma manifestação do masculino, que não existe apenas uma forma de viver como homem. Que ao abandonar, abrir mão dos privilégios adquiridos como homem, quando não se adota a postura masculina vigente, põe em cheque a figura do macho. Relativiza o masculino, tira dele a importância e o poder do homem. Já que, mesmo sendo homem prefere adotar trejeitos femininos, uma afronta à padronização do masculino. Como cita um dos colunistas do jornal “Reconheço ser a *bicha* atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual.” (LAMPPIÃO, 1978, n. 1, p. 4).

Lampião tenta e trabalha para que a palavra bicha perca seu sentido pejorativos. Como uma forma de ressignificar a palavra, esvaziando-a do sentido negativo e ofensivo, esse trabalho revela a tentativa de embutir a ideia de que não é necessário se submeter à identidade masculina imposta, que existem outras formas de experimentar a vida, uma segunda alternativa ou mais para enfrentar essa imagem masculina vigente. Ser bicha é também ser homem, nem melhor e nem pior que outros homens, isso abre espaço para os próprios heteros enxergarem sua masculinidade de outra forma, não tão rígida e reprimida e isso fica muito claro com as declarações, que já foram citadas acima, do Fabio Gabeira, guerrilheiro entrevistado por Lampião após retornar do exílio.

O sentido atribuído à palavra bicha passa a ser outro, o jornal mostra essa intenção quando usa o termo para expressar ousadia, coragem, e isso fica claro nos títulos usados nas matérias. Como, por exemplo, os títulos encontrados nas diversas edições, para citar uma delas a de nº 2 “Bicha atrevida pede a palavra”. A palavra bicha é usada de diversas formas na revista, tanto para se dirigir a um amigo, como a alguém atrevido, como a alguém insubordinado, a pessoas de classes mais baixas, a pessoas de classe alta também, como ofensa, mas também como demonstração de afeto e admiração.

Claro que ser bicha-louca não é obrigatoriamente carteira de identidade para homossexual. Propor tal generalização seria dar a comida mastigada ao sistema, interessado em nos manter o mais possível dentro dos estereótipos, a fim de ressaltar as "diferenças" e justificar a marginalização e a consequente repressão. Ainda há a considerar que o estereótipo "bicha-louca" pode ser, ao certos casos, uma atitude adotada de defesa e contestação (consciente ou não) ao sistema opressor. Na guerra vale tudo, mas eu pergunto se a luta não será duplamente mais pesada para estes

elementos, uma vez que foi o adversário quem escolheu as armas e camuflagem? (LAMPIÃO, 1980, n. 31, p. 14).

Um dos outros fatores que denunciam essas discussões sobre as construções da masculinidade no jornal é o debate que trata a questão do esporte, nesse caso o futebol. Logo nas primeiras edições o jornal promete tratar da homossexualidade no meio do futebol, porém isso gera certa polemica, e jogadores que conheciam os membros do jornal ficaram receosos de terem sua vida privada ou que de algum modo fossem exposto suas relações com outros homens. Isso fez com que o jornal fizesse nota dizendo que não trataria do futebol, já que essa questão tinha gerado burburinhos e um clima de tensão que envolveu os editores. E de fato apenas duas reportagens sobre o assunto foram publicadas; mesmo havendo pedidos em cartas para que tratasse do assunto, ele foi pouco explorado. Uma carta da edição nº1 mostra um pouco sobre isso e ainda debate sobre a virilidade.

Li com surpresa a entrevista do técnico do Vasco, Orlando Fantoni, à Última Hora de São Paulo, denunciando o homossexualismo no futebol. Segundo ele, a coisa está demais, com os cartolas perseguindo e cantando a rapaziada dos times juvenis. Mas então existe isso no futebol e ninguém nós diz nada? (LAMPIÃO, 1978, n. 1, p. 15).

E a resposta da revista:

LAMPIÃO discorda do conceito de virilidade do leitor; a virilidade excessiva já é, por si só, um problema (ninguém, absolutamente ninguém, pode ser tão viril quanto Rivelino, por exemplo, finge que é). Quanto à questão do homossexualismo no futebol, aguarde o número de junho do nosso jornal, em homenagem à Copa do Mundo. Depois dele, o futebol nunca mais será o mesmo (LAMPIÃO, 1978, n. 1, p. 15).

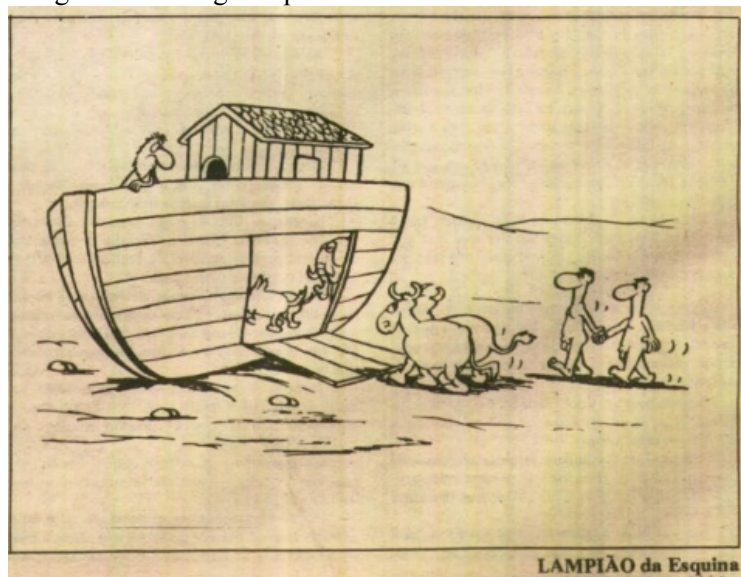
Nesse caso a resposta se refere a um jogador de futebol o Rivelino, considerado um símbolo de virilidade. E logo fala sobre a reportagem referente ao futebol, mas que não acontece, a que acontece é pequena e não trata dos grandes clubes.

Essa resistência em tratar do futebol, mostra, primeiro que os autores não queriam “entregar” ninguém e que falar de homossexualidade dentro de certos espaços ou tratar de certos assuntos e coisas que pertencem ao mundo que constitui as características da imagem do masculino era complicado. Abalar esse espaço, dos esportes masculinos, do futebol que é considerado uma paixão nacional e reverenciada pelos homens, ou sugerir que nele existe a

prática da homossexualidade poderia causar repressões ou retaliações maiores do que já enfrentavam. Esse ainda era ou é um espaço sagrado para constituir a masculinidade, mulheres e homossexuais supostamente não tem interesse por esse esporte que é algo “predominantemente” apreciado por homens.

A revista usa e abusa do duplo sentido em suas manchetes de capa. Nos títulos das matérias, sempre dão uma conotação sexual, ou que atinja essa moral e aos padrões impostos e vigentes na sociedade. A construção das imagens, as charges são direcionadas pra mostrar o absurdo de se pensar em apenas uma masculinidade, apenas uma forma de experimentar a vida como homem. Edição nº17 na p. 7 alguns títulos demonstram isso: “Os machões entraram em pânico”, “Vamos fazer um troca-troca” e “Homem objeto na relação”. Segue também algumas charges.

Imagem 3 – Charge da p. 6



Fonte: Lampião (1979, n. 11 p. 6).

Imagem 4 – Charge da p. 7



Fonte: Lampião (1979, n. 11 p. 7).

A própria questão do uso do nome Lampião que é essa figura do macho, que representa a virilidade, força, violência, ou seja, características tradicionais da figura do masculino, já demonstra esse ataque a essa ideia construída do macho. Adota o símbolo do mito de Lampião que representa o masculino para questioná-lo, para desmoralizar essa construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pode perceber é que o surgimento do jornal, que é possibilitado pelo contexto e pelas mudanças que vinham ocorrendo em relação ao corpo à sexualidade, com o movimento feminista, vai contribuir, vai intensificar os questionamentos sobre a figura do masculino, questionar a soberania do macho.

Nesse sentido, o jornal contribuiu para as transformações que temos sobre a experiência das representações do que é ser homem e mulher, da pluralidade nas formas de conceber as identidades de gênero. Isso possibilita uma abertura no comportamento da sociedade e como ela vai lidar com as diversas diferenças e pluralidades da identidade masculina. Além de proporcionar uma reflexão menos naturalista da formação do masculino e feminino (MONTEIRO, 2000, p. 50).

Podemos constatar essas mudanças do conceito de masculinidade pela aceitação da revista que circulava na década de 70 em plena ditadura, das experiências de vida dos exilados, da abertura do assunto e da possibilidade de diversos homossexuais sentirem que não são os únicos e podem ter a chance de vivenciarem sua própria experiência do masculino.

Assim, o jornal, na tentativa de tira o homossexual do gueto, de “destruir a imagem padrão de que se fez dele, segundo o qual ele é um ser que vive nas sombras [...] que encara sua condição sexual como uma maldição” (LAMPIÃO, 1978, n. 1, p. 2), contribui para desconstruir a imagem de uma masculinidade única e irrefutável. Ajuda o feminismo colocar em cheque, a questionar a ideia de masculinidade e feminilidade como algo natural, assim contribui para a liberdade de homens e mulheres poderem se portar sem medo de sofrer chacotas, poderem usar seus corpos com liberdade, de perceberem seus corpos quando lutam pela existência, pelo uso do corpo para o prazer, do sentido que dá para sua existência e experiência como pessoa.

O jornal demonstra essa mudança no período sobre a masculinidade, também mostra a formação do movimento gay e o início de uma trajetória mais participativa. As divergências surgidas dentro do movimento gay, como a questão de filiar-se ou não a um partido, a respeito do sentido da palavra bicha, a forma de militar que o homossexual deveria assumir. O jornal denuncia, então, esse processo de fragilização do masculino. Apresenta outros indícios que contribuíram para a mudança da hegemonia da masculinidade, quando fala sobre as contribuições dos exilados que voltaram e trouxeram outras formas de ver o mundo.

Para concluir acredito que embora o jornal tenha contribuído para a desconstrução da imagem de uma masculinidade única e possibilitou grandes avanços no movimento homossexual, ainda estamos muito longe de ter alcançado a liberdade sexual. Ainda vivemos em uma sociedade que reproduz muito forte o machismo que, como sugere essa citação, não é boa nem para mulheres e nem para homens: “Nem homens, homossexuais ou mulheres – devido ao machismo – alcançam o gozo libertário, ficam presos no orgasmo que se resume na ejaculação masculina.” (LAMPIÃO, 1978, n. 1, p. 4).

LAMPIÃO COMES OUT OF THE CLOSET: MASCULINITY REPRESENTATIONS IN THE END OF THE 1970S

ABSTRACT

In this paper, I seek to investigate the representations of the masculinity images in the end of the 1970s. An analysis of the messages found in the newspaper *Lampião da Esquina* is proposed, which had its first issue published in 1978 and the last in 1981. This newspaper, aimed for the gay public, was available in Brazil for three years during the military dictatorship. I seek to examine the images and representations of masculinity found in the messages of *Lampião da Esquina*, through a gender approach, searching for the meaning that the newspaper gave to the masculine gender, its critics to the homogeneous man image of the decade, and the masculinity alternatives proposed by the newspaper.

Keyword: Masculinity. *Lampião da Esquina*. Gender.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5^o Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. “**História e Análise de Textos**”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DE LUCA, T. R. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARIUSSO, Vitor Hugo S. Gomes. *Homossexualidade e Religião na Mídia do Brasil (1978 – 1981)*. **Paralellus**, Recife, v. 4, n. 8, p. 323-334, jul./dez. 2013

PRIORI, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil – 1^o.ed.** – São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MONTEIRO, Marko. **Tenha Piedade dos Homens! Masculinidade em Mudança**. Juiz de Fora: FEME, 2000.

SILVA, Aguinaldo. *Saindo do Gueto*. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1978. Caderno Editorial, p. 2.

SCOTT, Joan. “**Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.**” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990. AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

TREVISAN, João Silvério. 2002, *Devas-sos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record.

Disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em 24 nov. 2016.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 0, Abril de 1978

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 1, Maio de 1978

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 2, Junho de 1978

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 6, Novembro de 1978

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 11, Abril de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 17, Novembro de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 18, Outubro de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, nº 23, Abril de 1980

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 25, Junho de 1980

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 31, Dezembro de 1980

LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, nº 33, Fevereiro de 1981

Imagens

LAMPIÃO DA ESQUINA. **1ª Imagem - Capa**, nº 17, Novembro de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. **2ª Imagem - Propaganda**, nº 11, Abril de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. **3ª Imagem - Charge**, nº 11, Abril de 1979

LAMPIÃO DA ESQUINA. **4ª Imagem - Charge**, nº 11, Abril de 1979